

ArNALDO Jabor



segunda-feira
MATTHEW SHIRTS
LÚCIA GUIMARÃES

terça-feira
ARNALDO JABOR

quarta-feira
ROBERTO DAMATTA

quinta-feira
LUIS FERNANDO VERISSIMO

sexta-feira
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

sábado
MARCELO RUBENS PAIVA
ADRIANA FALCÃO

domingo
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

Acabou o tempo do “Deus lhe pague...”

Existe coisa mais triste do que menininhos de 6 anos fazendo malabarismo com bolinhas de tênis nos sinais de trânsito? Eles nos angustiam porque são prova do nosso fracasso. Nós evitamos vê-los; eles nos veem o tempo todo. Os miseráveis são nossa caricatura e damos esmola na esperança de uma salvação, mas eles não são generosos e não nos perdoam. Apenas um vago “Deus lhe pague”...

Antes, as esmolas faziam mais bem a nós do que a eles. A miséria tinha uma “função social”. Hoje está fora de moda, a miséria não é mais um “hype”, a miséria está “enchendo o saco, não chove nem molha”. A gente esqueceu da população trabalhadora dos morros, com operários, domésticas, faxineiros; ela só aparece violenta, nas revoltas da Febem, nos tiros de bandidos. A miséria armada está nos fazendo esquecer da miséria indefesa. Com a onda de violência, perdemos a compaixão pelos pobres. E como ninguém sabe resolver o drama da miséria, surge até um vago rancor contra ela, pois ela teima em reaparecer.

Miséria não é igual em qualquer parte. A miséria em São Paulo não é estrelada, invasiva como a do Rio, onde os jardins suspensos das favelas nos olham do alto. Em São Paulo, a miséria também não é uma paisagem natural, como no Nor-

deste. Em São Paulo, a miséria é mais periférica e só entra para pequenos serviços – úteis ‘paraibas’ nas construções, no lixo.

No Rio, nossa pobreza já teve uma tradição, uma arte. Príncipes como Cartola, Nelson Cavaquinho, o samba. A favela paulista se atravanca em planícies. Não venta, não tem vista para o mar, não dança. É lama pura e dormitório para a mão de obra não qualificada. A miséria carioca tinha uma certa “allure”, bafejo de elegância. Agora, só tem servido para criar uma “consciência da morte” nos pequenos e grandes burgueses (oh, céus!...) Hoje, temos esta “living art”, constante “instalação” de trapos e mãos postas. Nos “olhos azuis de brancos” (Lula “dixit...”), já vemos o sentido trágico da vida.

“O Senhor aguenta esta fumaça na cara o dia inteiro?”, pergunto com os olhos vermelhos na Avenida Santo Amaro, em São Paulo, às 7 da noite.

“Respire fundo, vá, moço, respire fundo que passa, vá!”, diz o paraíba de meio metro que dirige o táxi. E ri de mim, de minha queixa ecológica. Em volta, privilegiados encalhados no trânsito. Rostos mortos ao volante. A fumaça cresce. Vingança dos miseráveis que construiram a cidade? Vingança de quem, esta fumaça? São Paulo é feito uma cebola. Não é



apenas a Bélgica da Belíndia. É uma cebola de Bélgicas cada vez mais fechadas, mais finas. Hoje, para sofrer menos, temos de usar antolhos para não ver o destino negro das cidades.

Uma vez, tive um encontro com um empresário e um americano antropólogo. Cinema, grana, outros papos. O empresário e eu falamos sobre o Brasil para o gringo: “Eles... eles... eles...” O Brasil estaria sendo destruído por “eles”. Até que o americano não aguentou mais

de curiosidade e perguntou: “Who are they?” (Quem são eles?)

Parei, travado. Aí, descobri o óbvio triunfal: para mim, “eles” seriam os outros, as forças ocultas que desculpam nossa omissão. Todos nós falamos da desgraça nacional como se fosse culpa de seres impalpáveis: o Congresso, o governo, os americanos, os jornalistas... Todos, menos nós.

Houve uma época em que a miséria nos tocava mais, ela era útil para nossa piedade,

mesmo como tema para arte e literatura. A miséria sempre deu lucro. No Brasil, miséria é quase uma indústria. Quanto lucro uma igreja de charlatões tem com os dizimos? A miséria dá lucro político; falar na miséria denota preocupação humanitária, traz votos populistas.

Antes, havia uma miséria “boa”, controlável. Tínhamos pena, desde que ela ficasse no seu lugar, ela aplacava nossa consciência. Nos sonhos “revolucionários” dos pequenos burgueses, a miséria era nossa bandeira. Sofríamos com ela. A miséria dos outros era nosso problema existencial. Iludíamos nos achando que nosso sofrimento interior minorava o horror de suas vidas.

Na época, éramos a favor de um socialismo imaginário, panaceia para nossos problemas e ficávamos tranquilos sem fazer nada. Mas nos enganávamos, achando que nosso mal-estar com a tragédia dos pobres ajudava-os em alguma coisa. Desde que caiu o socialismo, caiu a ilusão de que éramos úteis em pensamento. Desde então, somos habitados por um desalento pela ausência de formas de luta contra a injustiça. Esse desalento gerou um desconforto inicial, mas, aos poucos, deu lugar a um secreto cinismo quase doce. Hoje sofremos menos porque não adianta mesmo... Assim, passamos a cuidar de nossos jardins, nosso

narcisismo, nossa arte pessoal de viver. O fim das ideologias é um alívio para a culpa.

Hoje, só nos resta tentar não sofrer com a miséria que nos cerca. As regras básicas estão no ar, no lar, no bar, como os mandamentos da felicidade pós-tudo – uma virtude negativa, fugitiva. Todos começam com “não”: não olhar tragédias, não ler nem assistir a jornais, não ouvir conversa de câncer ou chacina, providenciar grades, carros blindados, companhias de segurança e as armas, se preciso. Chegamos a temer: “Se acabar o tráfico, vai ser pior – vão descer mais das favelas para o asfalto...”

Alguns mais canalhas podem até pensar: “A única arma que luta contra a miséria é a fome. A fome debilita, fragiliza e extingue tudo num genocídio branco, sem autores. A fome regula o mercado da pobreza. A fome é o grande freio à falta de planejamento familiar destes nordestinos eróticos.”

No entanto, depois de tantos vexames de nossa burguesia secularmente sórdida, vemos que nossa miséria “pobre” é a ponta de uma miséria maior. Não existe um mundo limpo e outro sujo. Um infecta o outro. A burocracia é miséria, a corrupção é miséria, a estupidez brasileira é miséria. Somos uns miseráveis cercados de miseráveis por todos os lados. ●

Visuais Inauguração:

A melhor fase do design brasileiro

Exposição no Museu de Arte Moderna reúne de forma abrangente e incomum obras de 95 criadores consagrados e novos

Camila Molina

De um percurso do ano 2000 para cá, o design brasileiro vive agora o seu melhor momento, como afirma Adélia Borges, curadora especializada na área há longa data. “Nos anos 80, havia um olhar de desdém quanto à produção brasileira, vista mais como cópia do que se fazia lá fora. Hoje, há admiração e interesse e o design brasileiro está entre as bolas da vez”, continua ainda Adélia, que preparou uma exposição incomum e abrangente, uma “leitura transversal” e não um panorama dos melhores produtos criados em solo nacional. *Design Brasileiro Hoje: Fronteiras*, que será inaugurada hoje para convidados e amanhã para o público no Museu de Arte Moderna, reúne desde a vasoura Novica, “a mais vendida no Brasil”, criada em 2003 por Liane Schames Kreitchmann/ Equipe Bettanin, os uniformes para as Olimpíadas de Pequim (Oestudio) até uma cadeira desenhada pelo consagrado Sergio Bernardes ou as Melissas assinadas pelos irmãos Campana. Deslocam-se para o museu produtos os mais diversos (quase todos eles disponíveis em lojas) – do mobiliário, da área editorial, tipográfica, adornos, vestuário –, numa iniciativa que joga luz aos artifícios, às estratégias, à criatividade da produção nacional de qualidade e expandida para além do eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte. Afinal, o que é design? “Ele perpassa nosso cotidiano e não nos damos conta dele. Queria mostrar essa abrangência e permitir também compreender melhor como esta é uma atividade necessariamente multidisciplinar”, diz Adélia Borges, que selecionou criações de 95 participan-



1. Cena do vídeo do desfile A Costura do Invisível, do estilista Jum Nakao 2. Anel Oi, criado por Nami Wakabayashi 3. Anel Puzzle Mix, um quebra-cabeça com três tipos de ouro 4. Colar com corda, de Mana Bernardes 5. Convite impresso em folha de árvore, por Fred Gelli

tes, entre os consagrados e suas novas apostas. Ela, que fez uma bem-sucedida direção do Museu da Casa Brasileira entre 2003 e 2007, é autora de livros e do projeto do museu que a Prefeitura de São Paulo vai abrir no Ibirapuera no antigo prédio da Prodam, vem se dedicando a viajar pelo País e pelo mundo fazendo palestras e conhecendo sempre mais criadores.

A máxima de que “a forma segue a função” adquire novas conotações, como se pode ver na exposição no MAM. “A forma segue a ficção ou a forma segue a emoção são variantes de hoje”, afirma Adélia, e uma “poética da singeleza” é mais forte nas criações do que o apelo high tech. O que não significa, de maneira nenhuma, que o design brasileiro se vale de artimanhas simplistas, mas usa a seu favor a riqueza de materiais encontrados em solo nacional (como os compensados de casca de coco de Eduardo Queiroz), faz a ligação inteligente com o artesanato, promove diálogos entre passado e presente e entre o industrial e digital.

A relação do design com as artes plásticas pode ser vista nos biquínis criados por Amir Slama e inspirados em pinturas de Gonçalo Ivo. Já a tão cara questão da sustentabilidade aparece na obra de Fred Gelli, que criou convites usando como suporte, simplesmente, folhas de árvore; nos adornos de Mana Bernardes, criados com materiais como pets, bolas de gude, redinhas de embalagens de feiras – “joia é a capacidade de transformação do ser humano, não somente algo de ouro”, como já disse a designer carioca. ●

Serviço
● **Design Brasileiro Hoje: Fronteiras.** MAM. Av. Pedro Álvares Cabral, s/n.º, portão 3 do Parque do Ibirapuera, 5085-1300. 10h/17h30 (fecha 2.ª). R\$ 5,50 (dom., grátis). Até 28/6. *Abertura hoje, para convidados*